



RACISMO E DESIGUALDADES SOCIAIS EM SAÚDE MENTAL NO BRASIL

ORI NEWSLETTER 1

Março 2026

NESTA EDIÇÃO

- O que é o ORI?
- Objetivos
- EPC
- Estudos de caso
- Progresso do ORI
- Conheça o grupo ORI
- Anúncios
- Campanhas

O que é o ORI?

'Orí', palavra de origem iorubá, significa literalmente 'cabeça', mas carrega significados que vão muito além da dimensão física. Orí é a mente, o centro espiritual que guia a jornada interior de cada pessoa, sua capacidade de autoconhecimento, equilíbrio e cuidado. No imaginário das tradições afro-brasileiras, cuidar do Orí é cuidar de si mesmo, fortalecendo a saúde mental, espiritual e emocional. Ao mesmo tempo, esse cuidado não ocorre isoladamente: conecta-se às raízes, à ancestralidade e à comunidade que sustenta e empodera o indivíduo.

Ao escolher o nome ORI, evocamos o poder simbólico do cuidado que surge do encontro entre o eu e o coletivo, entre a mente e a ancestralidade. O grupo ORI é, portanto, um movimento de escuta, pesquisa e ação que busca fortalecer a saúde mental de comunidades e indivíduos negros no Brasil, de diferentes idades e origens, para produzir evidências robustas que influenciem políticas públicas e contribuam para a construção de sociedades mais justas, diversas e acolhedoras.

O grupo ORI – Racismo e Desigualdades Sociais em Saúde Mental no Brasil – surgiu como uma resposta urgente às profundas cicatrizes deixadas pelo racismo estrutural e pelas desigualdades sociais no país. É sabido que essas desigualdades não apenas causam sofrimento psicológico, exclusão e violência, que afetam diretamente a saúde mental da população negra, mas também impactam o acesso aos serviços de saúde. Contudo, é também nas comunidades parceiras do grupo – como os quilombos do Rio dos Macacos, Engenho da Ponte e Boqueirão, além da comunidade de Heliópolis (SP), do Serviço Médico Universitário Prof. Rubens Brasil (SMURB) e do Instituto Viva Infância – que emergem estratégias de resistência, saberes ancestrais e força coletiva, reconstruindo caminhos de cuidado e pertencimento.



A equipe da ORI. Foto: Wendell Wagner

'Cuidado que vem de dentro e das nossas raízes'

É desse diálogo entre o eu interior e o coletivo que nasce o lema do nosso grupo: "Cuidado que vem de dentro e das nossas raízes". De Dentro (do Orí de cada pessoa): É um convite para que cada pessoa olhe para si mesma, se conheça, se respeite e busque o seu equilíbrio interior. Das Raízes (da nossa história e comunidade): É a certeza de que esse cuidado se sustenta na força dos nossos ancestrais.

Objetivos do grupo ORI

POR QUE AGORA?

- Há uma carência de pesquisas robustas sobre racismo e saúde mental no Brasil sob uma perspectiva interseccional
- Muitas experiências não recebem diagnóstico, tratamento ou atenção adequados
- O grupo ORI busca transformar evidências em educação, intervenção e defesa dos direitos

Objetivo Geral

Nosso principal objetivo é produzir evidências sobre como o racismo e as desigualdades sociais afetam a saúde mental no Brasil e desenvolver intervenções eficazes, adaptadas ao contexto sociocultural e comprometidas com as necessidades das comunidades negras vulneráveis.

Objetivos Específicos

- Produzir conhecimento interseccional sobre os efeitos do racismo na saúde mental
- Realizar pesquisas que envolvam comunidades negras, valorizando o conhecimento local e tradicional
- Desenvolver em conjunto intervenções e atividades de formação para melhorar a resposta dos serviços de saúde mental e dos ambientes educativos
- Influenciar políticas públicas, atuando nos níveis municipal, estadual e nacional
- Promover intercâmbios interculturais na América Latina e no Caribe, incentivando boas práticas regionais
- Desenvolver capacidade de pesquisa sustentável através da formação de uma rede multidisciplinar entre o Brasil e o Reino Unido

Engajamento e Participação Comunitária



A equipe da ORI na cidade de Cachoeira. Foto: Wendell Wagner

O Grupo ORI está profundamente comprometido com o envolvimento das comunidades em todas as etapas de suas atividades no Brasil. Desde o início, adotamos o princípio que orienta nossa prática: “nada sobre nós sem nós”. Isso significa que cada fase da pesquisa — desde o desenho metodológico até a implementação das intervenções — é desenvolvida de forma participativa, lado a lado com as comunidades quilombolas e urbanas com as quais trabalhamos. Além disso, todos os estudos de caso contam com Grupos Consultivos Comunitários, reforçando o compromisso do projeto com uma pesquisa construída com as comunidades.

O engajamento comunitário exige, antes de tudo, o reconhecimento e o diálogo com os diversos atores que compõem cada território. Nas comunidades quilombolas da Bahia e da comunidade de Heliópolis, em São Paulo, isso envolve quilombolas, moradores locais, estudantes, famílias, profissionais de saúde, líderes comunitários, organizações da sociedade civil, representantes de instituições de ensino, coletivos culturais, líderes religiosos e outros agentes sociais. A diversidade desses interlocutores garante que o ORI seja construído de maneira pluralista, respeitando diferentes pontos de vista, experiências e saberes.



Samba no quilombo Rio dos Macacos. Foto: Wendell Wagner



Caminhada pela Paz em Heliópolis. Foto: Fernanda Garbosa

Os estudos de caso apresentados abrangem a abordagem metodológica do grupo ORI, que busca coproduzir conhecimento e intervenções interseccionais a partir de diferentes contextos comunitários e serviços de saúde mental no Brasil. Cada estudo utiliza métodos qualitativos e participativos, adaptados a cultura local e contexto de cada território e grupo social.

A metodologia ORI integra observação participante, etnografia, entrevistas narrativas e semiestruturadas, grupos focais, análise documental e estratégias quantitativas. Em diferentes territórios, a cartografia social e oficinas criativas auxiliam na visualização de desigualdades, práticas de cuidado e experiências.

- Princípios-guia: interseccionalidade, interdisciplinaridade, participação comunitária e integração de dados
- Produção compartilhada de conhecimento com comunidades quilombolas, moradores da periferia, estudantes, famílias e profissionais
- Uso de métodos criativos, como fotografia, teatro e literatura, para expressão e ressignificação das experiências



Caso 1 - Comunidades Quilombolas na Bahia

Boqueirão, Engenho da Ponte e Rio dos Macacos foram escolhidos para compreender como o racismo, o território, a memória, a espiritualidade e as redes de cuidado moldam a saúde mental.

- Métodos: mapeamento social participativo, observação participante, rodas de conversa, entrevistas e grupos focais
- Pontos-chave: diálogo entre o conhecimento tradicional, a espiritualidade, o uso de ervas, a memória coletiva e o direito ao território
- Áreas de atuação: redes de apoio, impactos do racismo, violência estrutural, ancestralidade e a produção cotidiana do cuidado



Samba no Quilombo do Boqueirão. Foto: Wendell Wagner

Caso 2 - Heliópolis em São Paulo

Em Heliópolis, o ORI investiga como o racismo estrutural, a desigualdade urbana e o acesso desigual aos serviços afetam o sofrimento psicológico e as estratégias de resistência.

- Métodos: Mapeamento geográfico; etnografia e observação participante; entrevistas narrativas; levantamento populacional
- Pontos-chave: Compreender como um território moldado por desigualdades estruturais, mas também por uma forte organização comunitária, vida cultural e redes de solidariedade
- Áreas de atuação: Barreiras de acesso aos serviços, qualidade do atendimento, discriminação escolar e comunitária, vulnerabilidades que afetam jovens e mulheres



Heliópolis. Foto: Cindy Tavares



Evento de saúde mental da UNAS. Foto: Fernanda Garbosa

Caso 3 - SMURB/UFBA

No SMURB/UFBA, a pesquisa combina a revisão de prontuários médicos com a escuta de usuários e profissionais para entender como as questões raciais permeiam o atendimento em saúde mental.

- Métodos: análise documental, questionários sobre discriminação étnica, entrevistas e grupos focais
- Pontos-chave: experiências estudantis, barreiras institucionais e pistas para um cuidado mais sensível em relação às desigualdades raciais



Arquivos de pacientes do SMURB. Foto: Ana Flávia Nery

Caso 4 - Viva Infância

No Instituto Viva Infância, o estudo monitora práticas de cuidado voltadas para a infância e adolescência, atentando para os efeitos do racismo sobre crianças, famílias e trajetórias de desenvolvimento.

- Métodos: observação participante, entrevistas semiestruturadas, oficinas de teatro e fotografia e artenografia
- Pontos-chave: expressão emocional, experiências discriminatórias, laços familiares, cuidados prolongados e o poder das linguagens artísticas



Sala Viva Infância. Foto de: autor desconhecido

Progresso do ORI: Quilombos

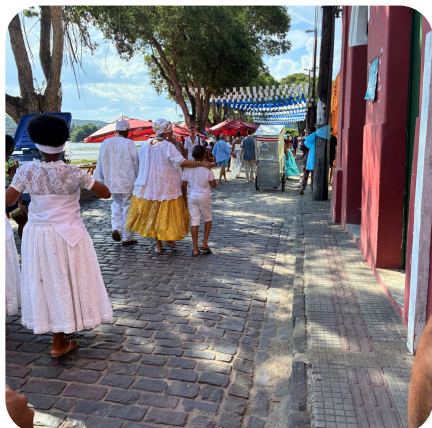
Em seu primeiro ano, o grupo ORI passou por um período significativo de amadurecimento da pesquisa. A pesquisa transversal mudou seu foco, deixando de se concentrar exclusivamente no planejamento de ações para trabalhar com material empírico consistente, produzido em diálogo com os territórios, serviços e indivíduos envolvidos. Outro avanço fundamental foi a transição do engajamento comunitário de um papel secundário para a estruturação do próprio desenho da pesquisa, influenciando as escolhas metodológicas, os métodos de feedback e as estratégias de participação. Esses desenvolvimentos revelam uma mudança significativa de uma perspectiva predominantemente biomédica para uma compreensão interseccional, comunitária e antirracista da saúde mental.



Visita do grupo ORI ao quilombo Engenho da Ponte. Foto: Wendell Wagner

No estudo de caso realizado nos Quilombos de Engenho da Ponte, Boqueirão e Rio dos Macacos (Bahia), o principal progresso está ligado à consolidação da presença territorial, ao fortalecimento dos laços com as comunidades e à construção de pesquisa participativa. As equipes fortaleceram sua inserção contínua nos três territórios por meio de etnografia, cartografia social, observação participante e escuta ativa, o que fomentou relações de confiança e uma compreensão mais profunda das experiências locais.

Nós consolidamos os grupos consultivos comunitários como instâncias de co-gestão e participação social, reforçando o compromisso do projeto com a pesquisa construída com as comunidades. O grupo também avançou no mapeamento de redes locais de saúde, assistência, educação e organizações quilombolas, bem como na análise de dados epidemiológicos sobre condições de vida e saúde.



Dia de Iemanjá na cidade de Cachoeira.
Foto: Vitória Dias



Workshop do ORI. Foto de: autor desconhecido



Evento do ORI no quilombo Engenho da Ponte.
Foto: Wendell Wagner

Quilombos



Dia de trabalho comunitário para a construção de um centro comunitário utilizando Adobe.
Foto: Arquivos da comunidade



Oficina de design participativo para pensar na construção do centro comunitário. Foto: Tainá Azevedo



Festival Raízes Quilombola no quilombo do Boqueirão. Foto de: autor desconhecido



Roda de conversa sobre saúde mental no quilombo do Rio dos Macacos. Foto: autor desconhecido



Visita ao quilombo Rio dos Macacos.
Foto: Fernanda Garbosa



Dia da Mulher no quilombo Rio dos Macacos.
Foto: Ana Flávia Nery



Reunião do Conselho Quilombola da Bacia e Vale do Iguaçu. Foto: Rivaldo Barros

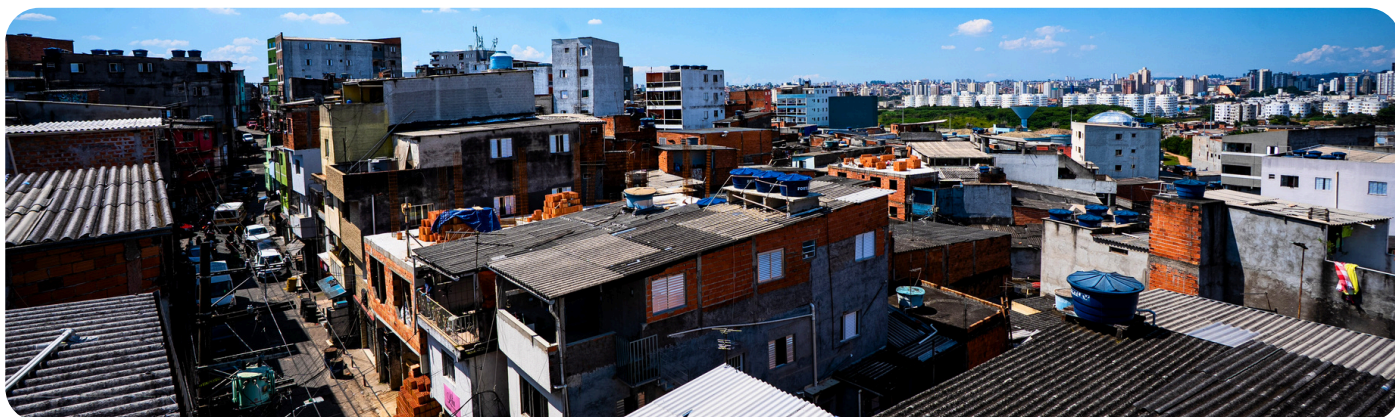


Procissão de São Roque no quilombo Engenho da Ponte. Foto: Rivaldo Barros



Roda de conversa sobre saúde mental no quilombo Engenho da Ponte. Foto: Vitória Dias

Progresso do ORI: Heliópolis



Heliópolis. Foto: Cindy Tavares

Em Heliópolis, uma das conquistas mais importantes da equipe paulista foi a construção de parcerias sólidas no território. A parceria formal com a UNAS Heliópolis, a maior organização comunitária da região, fortaleceu a base institucional da pesquisa e criou condições mais sólidas para a colaboração contínua com os atores locais.

Além disso, a equipe ampliou o diálogo com os serviços públicos de saúde mental, escolas e organizações comunitárias. Este é um passo importante, pois ajuda a inserir a pesquisa nas redes existentes no território, apoiando uma abordagem mais conectada às necessidades locais e aos diferentes espaços de cuidado, educação e mobilização social.

Outro ponto-chave foi a preparação da equipe para o trabalho de campo. Mesmo com o processo ético ainda em andamento, o grupo fez um investimento estratégico em formação metodológica e política, incluindo a participação em um curso de etnografia, treinamento em letramento antirracista e capacitação em promoção da saúde mental no ambiente escolar.

O engajamento comunitário também já se tornou um pilar central da pesquisa em Heliópolis. A equipe participou de importantes eventos locais, promoveu o diálogo sobre racismo e saúde mental e concluiu um exercício de mapeamento geográfico local, identificando serviços, redes e atores estratégicos.



Apresentação no Encontro Ame Sua Mente.
Foto: Fernanda Garbosa



Evento de saúde mental da UNAS.
Foto: Fernanda Garbosa

Heliópolis



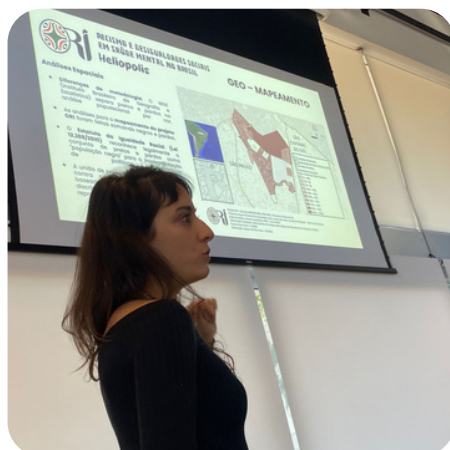
Apresentação no evento do ORI.
Foto: Wendell Wagner



Plenária do Movimento Negro.
Foto: Cindy Tavares



Plenária do Movimento Negro.
Foto de: Wallace França



Apresentação no Encontro Ame Sua Mente.
Foto: Fernanda Garbosa



Visita à Bahia. Foto de: Joice Silva



Visita a Escola Odon. Foto: Clarice Madruga



Visita à UNAS/CCAs.
Foto: Daniela Carvalho



Festa junina.
Foto: Clarice Madruga



Visita a Campos Salles: Sensibilização e Formação. Foto: Clarice Madruga

Progresso do ORI: SMURB



Sala de Arquivos do SMURB. Foto de: Ana Flávia Nery

No SMURB/UFBA, os principais avanços são evidentes tanto na produção de dados quanto no impacto institucional. A análise de 265 prontuários médicos, de um total estimado de 700, permitiu identificar lacunas significativas no registro de raça/cor e na documentação de experiências relacionadas ao racismo, evidenciando limitações institucionais na produção de informações sobre desigualdades raciais em saúde mental. Simultaneamente, o estudo foi metodologicamente fortalecido pela incorporação da observação participante, pela realização de uma entrevista piloto e pelo aprimoramento dos instrumentos qualitativos.

Os cinco grupos de discussão realizados, com 86 participantes, ampliaram a nossa compreensão da experiência universitária, do sofrimento psicológico e das barreiras de acesso ao atendimento. A criação de um Grupo Consultivo Comunitário com estudantes, profissionais e representantes de coletivos foi outro marco importante, pois aprimorou o diálogo entre a pesquisa e a comunidade acadêmica.

Merece destaque também a atualização do sistema SMURB, que tornou obrigatório o preenchimento da questão sobre raça/cor, representando um efeito concreto da pesquisa na rotina institucional. A isso se soma o início de uma revisão exploratória sobre racismo, saúde mental e vida universitária, e a elaboração de um procedimento operacional padrão para pesquisa quantitativa no serviço, indicando maior consolidação técnica e analítica do estudo.



Apresentação do progresso do estudo de caso. Foto: Ana Flávia Nery



Momento de cuidado em equipe.
Foto de: autor desconhecido



Visita ao SMURB. Foto: Ana Flávia Nery



Reunião da equipe SMURB.
Foto: Vinícius Carvalho



Workshop do ORI. Foto de: autor desconhecido



Roda de conversa com usuários do SMURB.
Foto de: autor desconhecido



Roda de conversa com usuários do SMURB.
Foto de: autor desconhecido



Visita ao SMURB. Foto: Ana Flávia Nery



Apresentação no evento do ORI.
Foto de: Wendell Wagner



Mural comemorativo do Dia da Conscientização
Negra. Foto de: Ana Flávia Nery



Roda de conversa com usuários do SMURB.
Photo by: Diogo Sousa

Progresso do ORI: Viva Infância



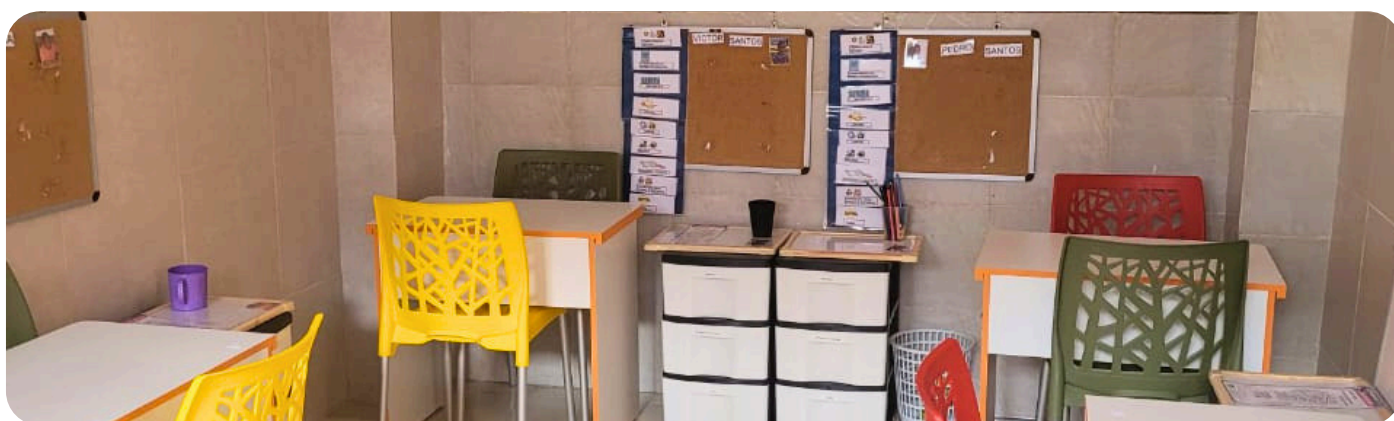
Apresentação do progresso do estudo de caso. Foto: Ana Flávia Nery



Visita ao Instituto Viva Infância. Foto: Ana Flávia Nery

No caso do Viva Infância, o avanço da pesquisa foi alcançado por meio da ampliação da sensibilidade metodológica e clínica para captar os efeitos do racismo na infância e na vida familiar. A implementação da observação participante em espaços como a sala de espera e a brinquedoteca permitiu o registro sistemático de cenas do cotidiano institucional por meio de diários e relatórios de campo, ampliando a compreensão das formas como o sofrimento, o cuidado e as interações entre a equipe, as crianças e as famílias circulam.

As oficinas e atividades culturais com crianças e famílias, como o Cine Viva, uma oficina sobre brinquedos recicláveis e a contação de histórias com musicalidade, mostraram-se importantes não apenas como estratégias de vínculo, mas também como ferramentas de expressão e escuta. Um dos avanços mais relevantes foi a consolidação de uma leitura clínica racializada sobre a medicalização e patologização precoces de crianças negras, o que possibilitou a preparação para a análise de prontuários médicos com foco em diagnósticos e medicações recebidas antes do ingresso no serviço.



Sala de aula do Instituto Viva Infância. Foto de: autor desconhecido

Viva Infância



Fachada do Instituto Viva Infância.
Foto: Joice Silva



Apresentação do progresso do estudo de caso. Foto: Ana Flávia Nery



Visita ao Instituto Viva Infância.
Foto: Ana Flávia Nery



Visita ao Instituto Viva Infância.
Foto: Ana Flávia Nery



Oficina de Biodanza.
Foto: Gessinayde Queiroz



Quadro da sala de aula Viva Infância.
Foto: Ana Flávia Nery



Apresentação do progresso do estudo de caso.
Foto: Ana Flávia Nery



Evento do ORI.
Foto: Ana Flávia Nery



Oficina de Biodanza.
Foto: Gessinayde Queiroz

Conheça o Grupo ORI



CO-INVESTIGADORES PRINCIPAIS

Profa. Lisa Dikomitis (Universidade de Warwick, Reino Unido)

Antropologia médica, pesquisa em serviços de saúde



Prof Leny Trad (UFBA, Brazil)

Saúde Coletiva, Antropologia, Psicologia



CO-INVESTIGADORES

BRASIL Federal University of Bahia (UFBA)

Profa Clarice Mota
Antropologia da saúde



Dra Claudia Mascarenhas
Psicologia



Profa Monique Espiridiao
Saúde coletiva



Profa Joilda Nery
Epidemiologia social



Dra Laise Rezende de Andrade
Saúde coletiva



BRASIL Federal University of Recôncavo of Bahia (UFRB)

prof Carlos Alberto de Paula
Política social



profa Jeane Tavares
Psicologia clínica



profa Diana Anunciacao
Sociologia da saúde



BRASIL Bahia State University (UNEB)

Profa Sandra Assis Brasi
Psicologia



BRASIL Federal University of Sao Paulo (UNIFESP)

Prof Rodrigo Bressan
Psiquiatria



Profa Clarice Madruga
Epidemiologia clínica



Dr Henrique Akiba
Psiquiatria



Dr Carolina Gaya
Sociologia



REINO UNIDO KCL E BSMS KMMS

Profa Harding
Epidemiologia social



Profa Papreen Nahar
Antropologia médica



Prof Sukhwinder Shergill
Psiquiatria



CO-INVESTIGADORES DE ENVOLVIMENTO E ENGAJAMENTO DA COMUNIDADE

BAHIA

Valderia Lopez



SÃO PAULO

Jorge Assis



ESTUDO DE CASO 1 Comunidades Quilombolas

Rio dos Macacos

Profa Gabriela Silva (Líder)
Pesquisadora pós-doutoral



Maryana Carneiro
Estudante de mestrado



Bruno Willian
Estudante de mestrado



Franciele Silva
Estudante de graduação



Natasha Navarro
Estudante de graduação



Josinelia Paixão
Pesquisadora comunitária



Engenho da Ponte

Prof Gustavo Menezes (Líder)
Pesquisador pós-doutoral



Prof Carlos Alberto
Co-investigador



Livia Figueiredo
Estudante de doutorado



Messias Júnior
Estudante de graduação



Larissa Silva
Estudante de graduação



Bárbara Santos
Estudante de mestrado



Rivaldo Barros
Estudante de mestrado



Boqueirão

Dra Alessivânia Mota (Líder)
Pesquisadora pós-doutoral



Felipe Meireles
Estudante de mestrado



Felipe Santos
Estudante de mestrado



Tainá Azevedo
Estudante de mestrado



Adriel Almeida
Estudante de mestrado



Vanilda Santos
Pesquisadora comunitária



Albino Júnior
Estudante de mestrado



Maia Naeh
Pesquisadora



Cremilda Jesus
Pesquisadora comunitária



Nayane Souza
Pesquisadora



Conheça o Grupo ORI



ESTUDO DE CASO 2 Comunidade da Favela de Heliópolis

Pedro Pereira (Co-líder)
Pesquisador



Olga Paz (Líder)
Estudante de mestrado



Daniela Carvalho
Pesquisadora



Gustavo Estanislau
Pesquisador



Fernanda Garbosa
Pesquisadora



Joice da Silva (Co-líder)
Estudante de doutorado



Katia Barreto
Pesquisadora



Profa Cinara Brito
Pesquisador



Profa Luciana Silva
Pesquisadora



Eduarda de Oliveira
Especialista em preto
comunidade



Felipe do Nascimento
Pesquisador comunitário



ESTUDO DE CASO 3 Serviço de Saúde Mental Universitário (SMURB)

Dr Camila Andrade (Líder)
Pesquisadora



Elaine Cristina Santos
Estudante de
doutorado



Neemias Rosa
Assistente de
pesquisa



Dr Diogo Silva (Líder)
Pesquisador de pós-
doutorado



Vinicius Pereira de
Carvalho
Estudante de
doutorado



Felipe Gomes
Estudante de
graduação



Luciana Santana
Estudante de
doutorado



Adelmaria Ione Santos
Assistente de pesquisa



Josenete
Amorim
Estudante de
graduação



ESTUDO DE CASO 4 ONG de Saúde Mental (Viva Infância)

Prof Ricardo Arantes (Líder)
Pesquisador pós-doutoral



Dra Cláudia Fernandes
Assistente de Pesquisa



Lília Pires
Assistente de Pesquisa



Andaye Marques
Estudante de mestrado



Flávia Fernanda Santos
Estudante de mestrado



Conheça o Grupo ORI



REINO UNIDO

Dra Brianne Wenning
Pesquisadora de pós-
doutorado



SUPOORTE ADMINISTRATIVO DO ORI

Reino Unido

Louise Law
(Líder)
Oficial de Projetos



Bahia

Giselle Ferraz
(Líder)
Administradora



Monique Silva
Suporte
administrativo



Joyce Santos
Suporte administrativo



São Paulo

Priscilla Selles
(Líder)
Suporte administrativo



Luci Zeferino Silva
Suporte administrativo



COMUNICAÇÃO E ARTES

Bahia

Ana Flávia Nery
(Líder)
Analista de Comunicação



Gessinayde Queiroz
Estudante de mestrado



Vitória Dias
Estudante de graduação



Anúncios



Elaine Luz foi aprovada no Doutorado Profissional em Saúde Coletiva do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA).



Luciana Boa Morte foi aprovada no Doutorado Profissional em Saúde Coletiva do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA).



Adriel Almeida foi aprovado no mestrado em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA).



Rivaldo Barros foi aprovado no mestrado em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA).



Joilda Nery assumiu a direção do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA).



Vinícius Carvalho formou-se em Medicina pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).



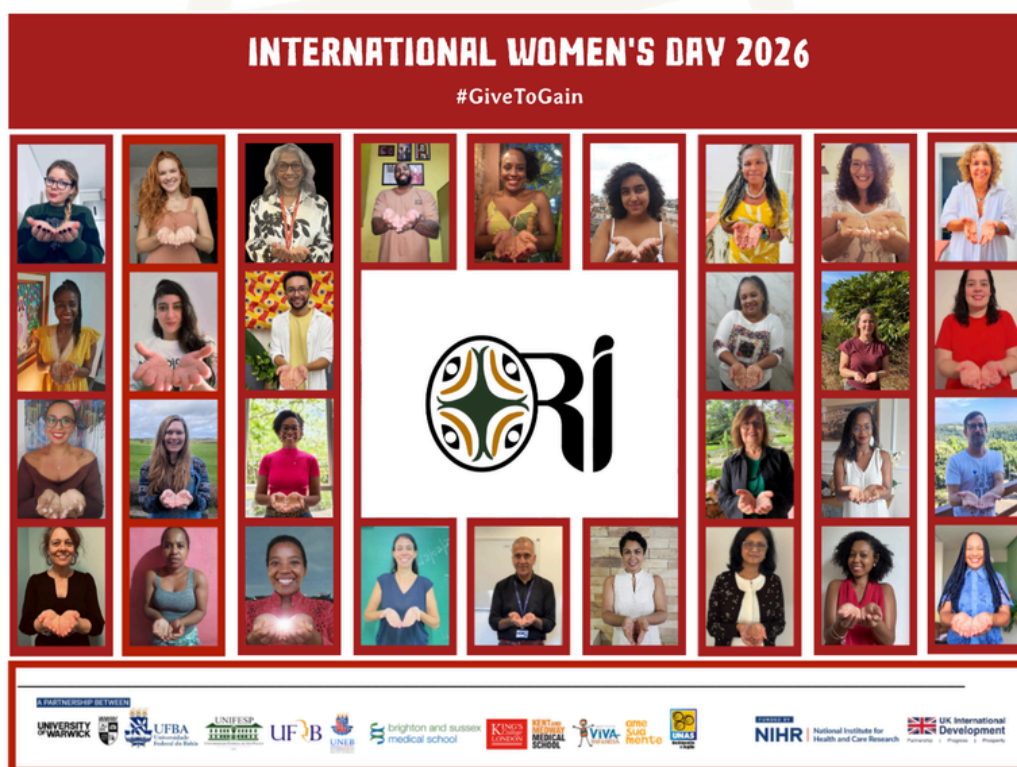
Flávia Fernanda foi aprovada no mestrado em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA).



Joice Lanne foi aprovada no Doutorado em Saúde Coletiva da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Em 2026, o Dia Internacional da Mulher nos convidou a refletir sobre uma questão fundamental: o que estamos dispostos a dar para promover a igualdade de gênero de forma significativa? A campanha #GiveToGain enfatizou que a generosidade não é uma perda, mas sim uma multiplicação intencional. Ao compartilhar conhecimento, tempo, recursos, cuidado, visibilidade e oportunidades, fortalecemos as mulheres e ampliamos as redes de apoio, solidariedade e justiça.

No Dia Internacional da Mulher de 2026, o Grupo ORI destacou como o racismo e o gênero se inter cruzam, moldando as experiências de Saúde Mental e o acesso aos cuidados. Nosso trabalho buscou compreender e abordar essas desigualdades, contribuindo para o desenvolvimento de sistemas de saúde mental mais equitativos, inclusivos e justos.



Assista ao vídeo que produzimos para celebrar o Dia Internacional da Mulher [clcando aqui](#).

Saiba mais:



ORI@warwick.ac.uk



@oricommunity



www.ori-community.com



@oricommunity

Esta pesquisa foi financiada pelo Instituto Nacional de Pesquisa em Saúde e Assistência (NIHR) (NIHR156517), com o auxílio do Governo do Reino Unido para apoiar a pesquisa em saúde global. As opiniões expressas são dos autores e não refletem necessariamente as do NIHR ou do Departamento de Saúde e Assistência Social do Reino Unido.

<https://www.fundingawards.nihr.ac.uk/award/NIHR156517>